

ESPANCA, Florbela. *Livro de mágoas. Obras completas* (Organização, fixação crítica dos textos e notas de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva). Lisboa: Estampa, 2012. v. I. 151 p.



Em boa hora a Editorial Estampa traz a lume o *Livro de Mágoas*, primeiro volume das obras completas de Florbela Espanca. A proposta editorial é sem dúvida arrojada, mas que seria do mundo das letras sem os mais ousados. Em tempo de crise, que se vem arrastando faz muito, a maioria dos cortes são “cegos” e a cultura é tantas vezes relegada para segundo, senão terceiro plano. Razões de sobra para saudar vivamente o grupo que empreende esta viagem pelo universo florbeliano. Procurando oferecer uma edição simultaneamente acessível, assegurando uma desejável ampla divulgação sem contudo perder de vista o fundamental como, aliás, Lídia Jorge enuncia na contracapa:

Por isso mesmo, convém que a publicação da sua [Florbela] obra se rodeie de reverência mas sobretudo de cuidados científicos. A presente edição anotada das Obras Completas de Florbela Espanca, dirigida por especialistas conceituados, garante essas duas vertentes: a reconstituição rigorosa do texto primitivo e suas vicissitudes, e o cuidado extremo na sua apresentação ao público.

O rigor impera aos mais diversos títulos, sendo a consultoria científica assegurada por Ana Luísa Vilela (Universidade de Évora), que assina também um dos estudos introdutórios, “*À flor das ondas, num lençol d’espuma!*: a dor aquática e crepuscular do *Livro de Mágoas*” (p. 41-54) juntando-se assim a Eliana Luísa dos Santos Barros, “Luto e melancolia: dimensões do *Livro de Mágoas*” (p. 29-39) e a Fabio Mario da Silva, “A construção de uma autoridade poética através das sensações e expressões da Dor no *Livro de Mágoas*” (p. 17-28).

A cargo de Fabio Mario da Silva e de Cláudia Pazos Alonso fica a organização, a fixação crítica dos textos e as notas, trabalho meticuloso que *pari e passu* contribui para a qualidade facilmente reconhecível numa primeira edição agora apresentada ao grande público e datada de Abril do corrente ano.

As referências bibliográficas encontradas ao longo do volume são sobremaneira relevantes, pois permitem ao leitor avançar, caso o deseje, para estudos aprofundados

da lavra de autores de renome no panorama nacional e internacional, cujos trabalhos científicos em torno de Florbela Espanca fizeram antecipadamente caminho. Neste caso salientamos Maria Lúcia Dal Farra, José Carlos Seabra Pereira, Nuno Júdice, Anna Klobucka, António Cândido Franco, Helena Carvalhão Buescu, Al Berto, Adília Martins de Carvalho, entre tantos outros, parecendo dialogar com jovens investigadores mais recentemente trazidos à cena literária, como Suilei Monteiro Giavara ou Renata Soares Junqueira.

Será fácil identificar trânsitos atlânticos neste *Livro de Mágoas*, de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva. Cláudia é professora em Estudos Portugueses e Brasileiros na Universidade de Oxford, que lhe conferiu o grau de Doutor, em 1994, com a dissertação *Imagens do eu na poesia de Florbela Espanca* e a sua pesquisa centra-se nas literaturas portuguesa e brasileira, poesia e prosa, séculos XIX e XX. Por seu turno, Fabio – investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL) e colaborador do Centro de Estudos em Letras da Universidade de Évora – coorganizara, no final de 2011, mesmo antes de dar ao prelo este volume, repleto de poesia e sonho, o Colóquio Internacional em homenagem a Florbela Espanca, em Vila Viçosa. Duas notas biográficas na badana da capa assim o deixam saber e mais que agora não transcrevemos, deixando como sugestão a sua leitura aos apreciadores de poesia, ou melhor, da poeta maior que foi/é Florbela Espanca. É ainda neste espaço que se anuncia o *Livro de Soror Saudade* e *Charneca em Flor* como futuros títulos a editar na coleção.

É assinalável a gravura escolhida para a capa que a NMDesign tão harmoniosamente soube compor.

Como refere Fabio Mario Silva,

esta imagem da princesa (da monja encerrada em si mesma) adequa-se ao desenho escolhido para a capa desta edição, visto que muitos desenhos de Mily Possoz (pintora portuguesa de ascendência belga), contemporânea de Florbela Espanca, oferecem um diálogo pertinente com a poesia florbeliana (p. 21).

Trata-se de um desenho assinado pela artista Mily Possoz (1888-1967), cedido por Alain Demoustier, herdeiro da pintora. Não deixa de ser curiosa esta seleção, e a esse propósito lembro que, ainda bem recentemente, Emília Ferreira evocara esta figura singular ao editar o livro intitulado *Mily Possoz: Uma gramática modernista*. E em nosso entender resulta num encontro feliz. Afinal “ser poeta é ser mais alto” e o universo da poesia clama pelo da pintura. Duas telas, duas paletas, duas autoras, convocando os sentidos para uma ascense que transcende a materialidade para se tornar perene. Estas reflexões permitem trazer à colação o momento em que celebrando poesia e pintura juntámos Florbela Espanca pela poesia declamada e pela obra que a pintora Isabel Nunes trouxera até nós dominando a arte que soubera fixar na tela¹. (http://www.florbelaespanca.uevora.pt/?page_id=223)

Num semelhante plano de analogias encontramos a perspetiva salientada por Ana Luísa Vilela ao referir:

Em suma: neste livro, a Dor – monstro interior, sombra noturna, sonho doirado ou flor miraculosa – encarna o apelo poético, visceral e feminino, sentido na morada do Ser (no seu corpo) como um destino inelutável, uma evidência física, uma vocação irreprimível. A Dor torna-se assim, o modo e o local de existência do sujeito. Jorrando diretamente da nascente dolorosa, o choro poético (quer dizer, a expressão possível, a emanção da Dor) constitui, ao mesmo tempo, a fonte, o material e o corpo dos versos deste livro. E a Dor desdobra-se em muitas [...] os laços que esta desmultiplicação das dores florbelianas estabelece com as dores do sujeito modernista seu contemporâneo (p. 47).

Aliás, como também adiante, Vilela acentua:

Eu e a minha Dor constituem, em Florbela como nos grandes místicos, a única realidade, o continente, o espaço libidinal fechado – o claustro, o ‘castelo interior’ de que fala Santa Teresa de Ávila. Nesse espaço, o sujeito busca a enunciação indefetível de si próprio. Da experiência fundamental da Dor brota o sujeito, na funda consciência da sua condição excepcional. Lembra Barthes (1981, p. 227): “Sujeito é aquele que sofre; onde está a dor, a ferida radical, está o sujeito”. (p. 43)

E o sujeito é a “Castelã da Tristeza”, concluímos nós; deixando-nos interrogar também:

Castelã da Tristeza, porque choras
Lendo, toda de branco, um livro d’horas,
À sombra rendilhada dos vitrais? ... (p. 86)

A análise mais pormenorizada ao poema surge adiante, ao longo das páginas 122-125. Tal como no caso vertente existem vários espaços, diríamos, bem delimitados na obra de modo a serem precisados os aspetos mais relevantes. Desde logo nos textos introdutórios, a que aludimos, depois, de páginas 57-72, ao longo da secção denominada “critérios da edição e da transcrição dos textos” e por fim, nas notas finais de p. 117-151. Bem conseguida esta arrumação orientada num modo claro e eficaz permitindo a fruição dos poemas e a identificação, se assim o pretendermos, de algum em particular, pela consulta do índice que os antecede.

Enfim, o *Livro de Mágoas*, ocupando as páginas 73-114, onde são impressos os 32 poemas que o constituem. Sem mácula ... Sós ... Isolados... Destacados? Respirando ...

Ou talvez tão só alcançando a forma que a autora lhes quisera ter conseguido então:

Sonho que um verso meu tem claridade
Para encher todo o mundo! E que deleita
Mesmo aqueles que morrem de saudade!
Mesmo os da alma profunda e insatisfeita.
 (“Vaidade”, p. 84)

Como nós. Que agora os encontramos e podemos ler e reler, a cada instante que a isso nos mova a Flor Bela de *Alma* de Conceição Espanca (1894-1930).

ISABEL LOUSADA
CesNova/Clepul

Recebido: 10/09/2012
Aprovado: 25/09/2012
Contato: iclousada@gmail.com

¹ A Exposição “Entre tanto... Florbela” teve lugar em 23 de fevereiro a 25 de março, na Biblioteca Municipal Maria Natércia Ruivo.

ANEXO

Exposição *Entre tanto... Florbela.*
Biblioteca Municipal Maria Natércia Ruivo, 23 de fevereiro a 25 de março.

Isabel Nunes soube com mestria, derramar na tela as cores da **poética de Florbela**: o ocre da charneca pulsando; o negro do manto da noite; o azul desejado e apaziguador; o rubro da paixão fluindo em alvoradas e em rosas rasgadas de amor, à espera...
 Num luminoso **expressionismo**, quase pungente, pintou-lhe a **alma** encarcerada, qual pássaro em busca de um azul maior. Escorreu-lhe a melancolia pelo corpo repartido na dor, na sede de infinito, na busca de divino.
 Isabel Nunes, em frêmitos de luz, reescreveu Florbela para que, ela, fique na memória de todos os sentidos.
 É um prazer, um privilégio, poder Ver e Sentir a sua Arte em Almeida.

Maria José Dinis
 Janeiro/2010

